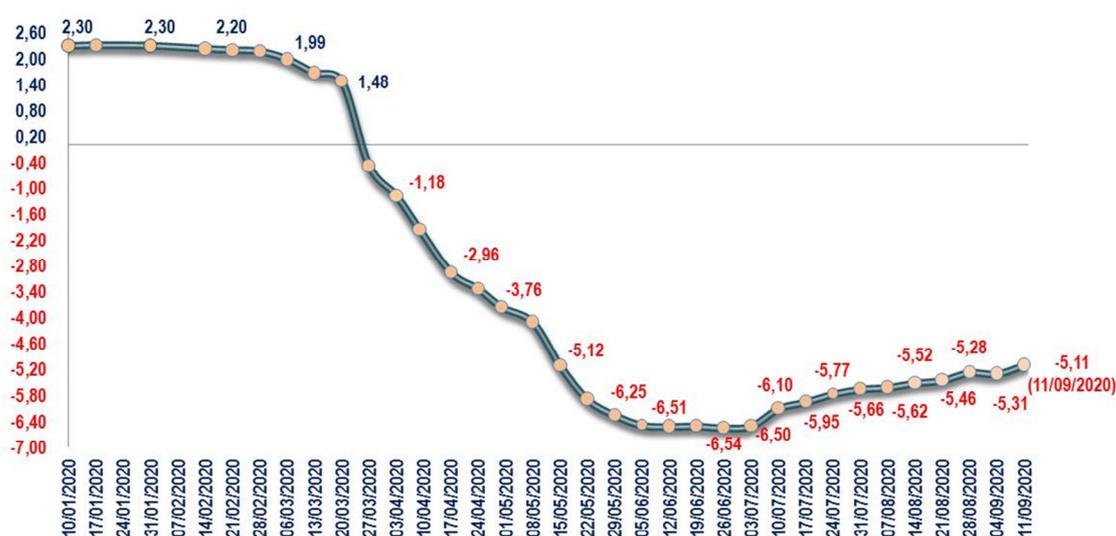


Projeção para o PIB 2020 volta a melhorar

A pesquisa Focus, realizada semanalmente pelo Banco Central, passou a projetar queda de 5,11% para o Produto Interno Bruto (PIB) do País em 2020. É o melhor resultado esperado pelo levantamento nos últimos quatro meses. Após a queda histórica de 9,7% do PIB Brasil no segundo trimestre, em relação aos três primeiros meses do ano, os indicadores já demonstram a melhoria da atividade no segundo semestre, o que pode estar contribuindo para as estimativas mais otimistas.

Expectativa Pesquisa Focus para o PIB Brasil em 2020 (%)



Fonte: Banco Central do Brasil - Boletim Focus.

A produção da indústria cresceu 8% em julho, a terceira alta consecutiva. Em maio o incremento foi de 8,7% e em junho 9,7%. Conforme informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) foi a primeira vez na série histórica da pesquisa, iniciada em 2002, que 25 dos 26 setores pesquisados registraram resultados positivos. Certamente essa é uma boa notícia, pois demonstra que a recuperação das atividades está disseminada pela indústria e não localizada em segmentos específicos. Outra notícia satisfatória é que a produção da indústria registrou alta em 12 dos 15 locais pesquisados pelo IBGE. No acumulado do ano a produção industrial ainda está negativa (-9,6%).



Fonte: IBGE.

As vendas do comércio varejista também iniciaram o segundo semestre em alta e cresceram 5,2% em julho, na comparação com o mês anterior. Este é o melhor resultado para o mês desde o início da série histórica, em 2000. Deve-se ressaltar que em maio o crescimento foi de 13,3% e em junho 8,5%. Conforme o IBGE, com o resultado do mês de julho, o comércio varejista praticamente atingiu o nível recorde da sua série histórica, alcançado em outubro de 2014. Sem dúvidas essa é mais uma boa notícia para o País que viu a sua economia registrar a maior queda histórica no segundo trimestre de 2020.



Fonte: IBGE.

Obs.: Valores considerando o ajuste sazonal

Também é necessário destacar a alta de 7,2% em julho, em relação ao mês anterior, do comércio varejista ampliado, que considera, além do varejo, as atividades de veículos, motos, partes e peças e de material de construção. Particularmente o segmento material de construção avançou 6,7%, após

variações de 14,5% observada no mês anterior. O aumento das vendas no varejo de materiais de construção pode ser justificado por pequenas obras e/ou reformas que estão acontecendo em função do direcionamento de recursos para esse fim, por parcela da população que está recebendo o auxílio emergencial.

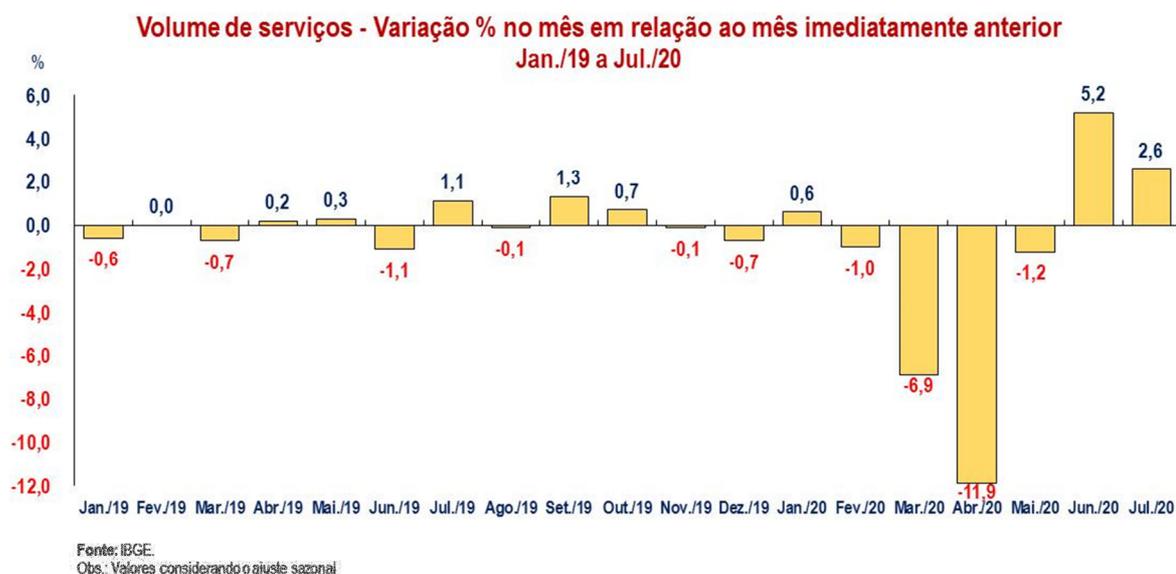
Volume de Vendas do Comércio

Síntese de resultados - Julho de 2020

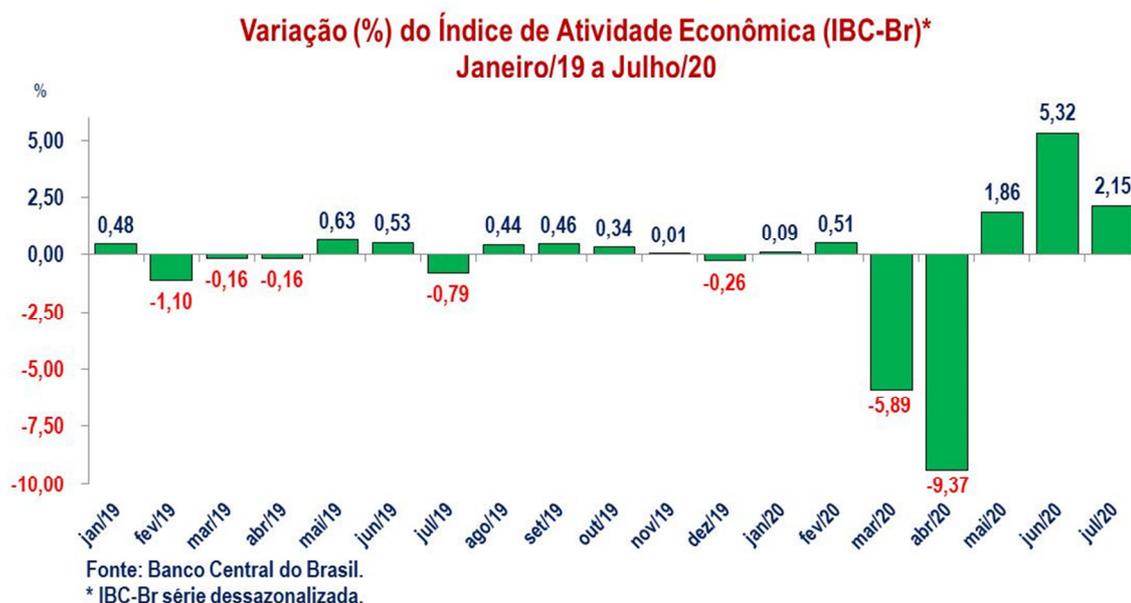
ATIVIDADES	MÊS/MÊS ANTERIOR (*)			MÊS/IGUAL MÊS DO ANO ANTERIOR			ACUMULADO	
	Taxa de Variação (%)			Taxa de Variação (%)			Taxa de Variação (%)	
	MAI	JUN	JUL	MAI	JUN	JUL	NO ANO	12 MESES
COMÉRCIO VAREJISTA	13,3	8,5	5,2	-6,4	0,5	5,5	-1,8	0,2
Combustíveis e lubrificantes	6,8	5,9	6,2	-21,6	-16,2	-10,8	-12,1	-7,0
Hiper, supermercados, prods. alimentícios, bebidas e fumo	7,2	0,8	0,0	9,3	6,5	9,9	6,0	3,8
Tecidos, vestuário e calçados	101,9	48,9	25,2	-62,7	-43,6	-31,4	-37,6	-19,7
Móveis e eletrodomésticos	47,4	29,6	4,5	-8,0	25,0	26,4	2,7	5,1
Artigos farmacêuticos, med., ortop. e de perfumaria	22,6	-2,8	7,1	7,5	7,1	13,4	6,5	6,8
Livros, jornais, rev. e papelaria	10,7	72,1	26,1	-67,1	-40,1	-25,1	-28,3	-20,9
Equip. e mat. para escritório informática e comunicação	22,4	21,1	11,4	-37,5	-10,4	-5,5	-20,5	-10,9
Outros arts. de uso pessoal e doméstico	46,5	26,8	5,0	-19,1	4,0	9,0	-7,7	-0,8
COMÉRCIO VAREJISTA AMPLIADO	16,5	11,1	7,2	-15,3	-2,3	1,6	-6,2	-1,9
Veículos e motos, partes e peças	38,3	27,9	13,2	-43,4	-19,2	-16,2	-21,7	-9,6
Material de construção	18,2	14,5	6,7	-5,2	22,6	22,7	1,9	2,8

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria
(*) Séries com ajuste sazonal.

Assim como aconteceu com a produção da indústria e com o comércio varejista, o volume de serviços no País também voltou a registrar resultados positivos. Em julho a alta foi de 2,6% em relação ao mês anterior, na série com ajustes sazonal. Esta foi a segunda elevação consecutiva fazendo com que, em junho e julho o segmento acumulasse incremento de 7,9%. A comparação dos primeiros sete meses deste ano, em relação a igual período de 2019, demonstra queda de 8,9 %.

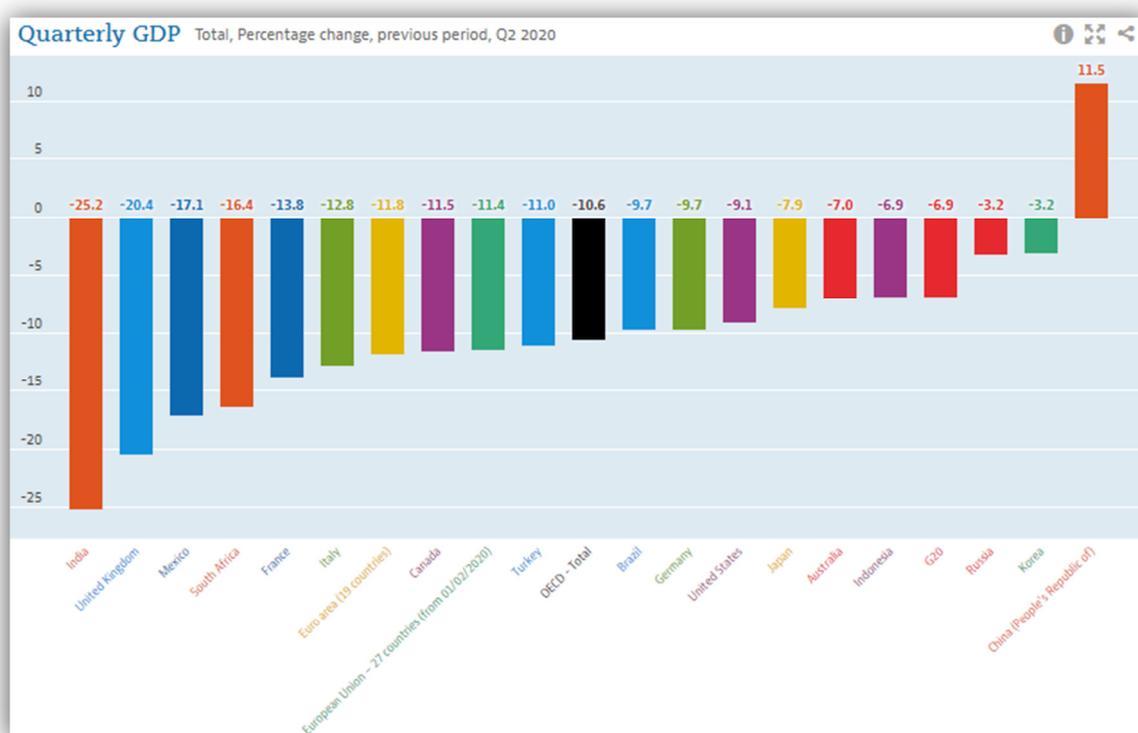


O Índice de Atividade Econômica (IBC-Br), calculado e divulgado pelo Banco Central e que é considerado uma estimativa preliminar do PIB registrou, em julho, alta de 2,15% em relação ao mês anterior. Foi o terceiro resultado positivo consecutivo, reforçando que com a flexibilização das medidas de isolamento social a economia nacional voltou a caminhar.



Os resultados positivos da atividade econômica no início do segundo semestre, sem dúvida, fortalecem as expectativas mais otimistas para os próximos meses. Esse movimento, até pouco tempo, estava fora do radar, pois a crise atingiu fortemente não só o Brasil, mas também a economia mundial.

Conforme dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o PIB do G-20 apresentou retração recorde de 6,9% no 2º trimestre. É necessário destacar que no 1º trimestre de 2009, auge da crise financeira, o PIB da área do G-20 como um todo apresentou retração de -1,6%. A força da crise é demonstrada pelos resultados alcançados no período de abril a junho em várias economias como a Índia (-25,2%), o Reino Unido (-20,4%), o México (-17,1%) e a África do Sul (-16,4%). No 2º trimestre de 2020 a China foi o único país a registrar crescimento: 11,5%.



Apesar de toda a dificuldade vivenciada pelo País no auge da crise provocada pela pandemia do novo Coronavírus, o que resultou na eliminação de mais de oito milhões de ocupações, as expectativas para a economia nacional, e também para a Construção Civil, no segundo semestre são bem mais promissoras do que as observadas no final dos primeiros seis meses do ano. Consultorias, bancos e analistas estão revisando suas projeções e, em muitos casos, para resultados mais satisfatórios.

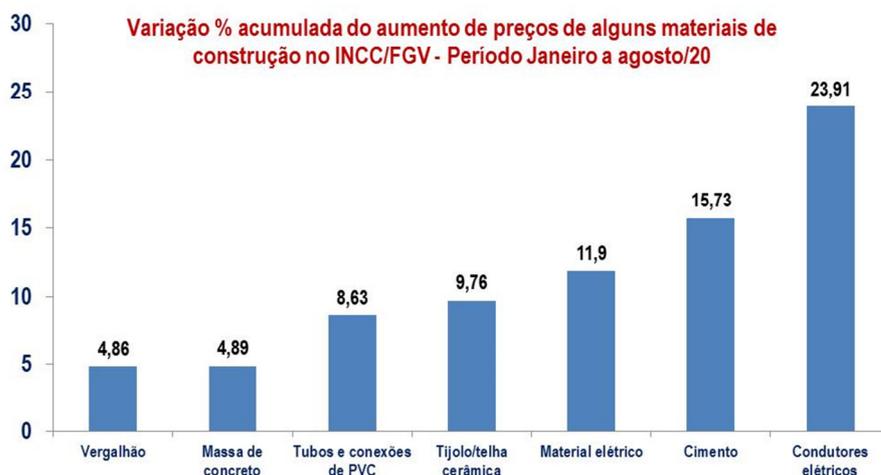
Particularmente para o mercado imobiliário espera-se que o baixo patamar de unidades novas disponíveis para comercialização, o incremento do financiamento imobiliário com recursos da caderneta de poupança e as baixas taxas de juros incrementem os lançamentos e as vendas, o que contribuirá especialmente para a geração de renda e emprego na economia nos próximos

meses. Entretanto, é preciso ressaltar uma preocupação adicional do setor: o aumento elevado do custo com materiais. Alguns insumos básicos, como o aço e o cimento, têm registrado altas expressivas em seus preços, prejudicando o planejamento de obras e até mesmo os novos lançamentos. O aumento destes preços já está sendo, inclusive, contabilizado pelos indicadores de custos setoriais. O Índice Nacional de Custo da Construção – Materiais e Equipamentos, calculado e divulgado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) registrou, em agosto, alta de 1,76%, a maior desde setembro/2008 (1,78%).



Fonte: Fundação Getúlio Vargas (FGV)

Considerando os dados do INCC/FGV observam-se altas expressivas em itens como vergalhão, material elétrico, cimento e condutores elétricos. Certamente um cenário que não condiz com o momento econômico atual do País, e que pode prejudicar o desempenho de um setor tão estratégico para o desenvolvimento, como a Construção Civil. Ressalta-se que as estimativas realizadas pela pesquisa Focus indicam que o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), deverá encerrar o ano 2020 em 1,94%, portanto, abaixo do piso da meta.



Fonte: Fundação Getúlio Vargas/FGV